

O IDIOMA DA MESTIÇAGEM



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade

FERNANDO FERREIRA COSTA



Conselho Editorial

Presidente

PAULO FRANCHETTI

ALCIR PÉCORÁ – ARLEY RAMOS MORENO

JOSÉ A. R. GONTIJO – JOSÉ ROBERTO ZAN

LUIS FERNANDO CERIBELLI MADI – MARCELO KNOBEL

SEDI HIRANO – WILSON CANO

Comissão Editorial da Coleção Várias Histórias

SILVIA HUNOLD LARA (coordenadora) – SIDNEY CHALHOUB

MARTHA ABREU – JOÃO JOSÉ REIS – ALCIR PÉCORÁ

Conselho Consultivo da Coleção Várias Histórias

CLAUDIO HENRIQUE DE MORAES BATALHA – MARIA CLEMENTINA PEREIRA CUNHA

MARIA HELENA P. T. MACHADO – ROBERT WAYNE ANDREW SLENES

Consultoria deste volume

MATTHIAS RÖHRIG ASSUNÇÃO – BEATRIZ GALLOTTI MAMIGONIAN

LARISSA VIANA

O IDIOMA DA MISTIÇAGEM
AS IRMANDADES DE PARDOS
NA AMÉRICA PORTUGUESA

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP

V654i Viana, Larissa.
O idioma da mestiçagem: as irmandades de pardos na América Portuguesa / Larissa Viana. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

1. Miscigenação – Brasil. 2. Relações raciais – Brasil. 3. Escravidão – Brasil. 4. Religiosidade.

CDD 301.429
301.4510981
301.44930981
200.1

ISBN 978-85-268-0771-6

Índices para catálogo sistemático:

1. Miscigenação – Brasil	301.429
2. Relações raciais – Brasil	301.4510981
3. Escravidão – Brasil	301.44930981
4. Religiosidade	200.1

Copyright © by Larissa Viana

Copyright © 2007 by Editora da UNICAMP

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.



COLEÇÃO VÁRIAS HISTÓRIAS

A COLEÇÃO VÁRIAS HISTÓRIAS divulga pesquisas recentes sobre a diversidade da formação cultural brasileira. Ancoradas em sólidas pesquisas empíricas e focalizando práticas, tradições e identidades de diferentes grupos sociais, as obras publicadas exploram os temas da cultura a partir da perspectiva da história social. O elenco resulta de trabalhos individuais ou coletivos ligados aos projetos desenvolvidos no Centro de Pesquisa em História Social da Cultura do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP (www.unicamp.br/cecult).

VOLUMES PUBLICADOS

- 1 – ELCIENE AZEVEDO. *Orfeu de carapinha. A trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo.*
- 2 – JOSELI MARIA NUNES MENDONÇA. *Entre a mão e os anéis. A Lei dos Sexagenários e os caminhos da abolição no Brasil.*
- 3 – FERNANDO ANTONIO MENCARELLI. *Cena aberta. A absolvição de um bilontra e o teatro de revista de Arthur Azevedo.*
- 4 – WLAMYRA RIBEIRO DE ALBUQUERQUE. *Algazarra nas ruas. Comemorações da Independência na Bahia (1889-1923).*
- 5 – SUEANN CAULFIELD. *Em defesa da honra. Moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940).*
- 6 – JAIME RODRIGUES. *O infame comércio. Propostas e experiências no final do tráfico de africanos para o Brasil (1800-1850).*
- 7 – CARLOS EUGÊNIO LÍBANO SOARES. *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850).*
- 8 – EDUARDO SPILLER PENA. *Pajens da casa imperial. Jurisconsultos, escravidão e a Lei de 1871.*

- 9 – JOÃO PAULO COELHO DE SOUZA RODRIGUES. *A dança das cadeiras. Literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)*.
- 10 – ALEXANDRE LAZZARI. *Coisas para o povo não fazer. Carnaval em Porto Alegre (1870-1915)*.
- 11 – MAGDA RICCI. *Assombrações de um padre regente. Diogo Antônio Feijó (1784-1843)*.
- 12 – GABRIELA DOS REIS SAMPAIO. *Nas trincheiras da cura. As diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial*.
- 13 – MARIA CLEMENTINA PEREIRA CUNHA (org.). *Carnavais e outras f(r)estas. Ensaio de história social da cultura*.
- 14 – SILVIA CRISTINA MARTINS DE SOUZA. *As noites do Ginásio. Teatro e tensões culturais na Corte (1832-1868)*.
- 15 – SIDNEY CHALHOUB, VERA REGINA BELTRÃO MARQUES, GABRIELA DOS REIS SAMPAIO e CARLOS ROBERTO GALVÃO SOBRINHO (orgs.). *Artes e ofícios de curar no Brasil. Capítulos de história social*.
- 16 – LIANE MARIA BERTUCCI. *Influenza, a medicina enferma. Ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo*.
- 17 – PAULO PINHEIRO MACHADO. *Lideranças do Contestado. A formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)*.
- 18 – CLAUDIO H. M. BATALHA, FERNANDO TEIXEIRA DA SILVA e ALEXANDRE FORTES (orgs.). *Culturas de classe. Identidade e diversidade na formação do operariado*.
- 19 – TIAGO DE MELO GOMES. *Um espelho no palco. Identidades sociais e massificação da cultura no teatro de revista dos anos 1920*.
- 20 – EDILENE TOLEDO. *Travessias revolucionárias. Idéias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)*.
- 21 – SIDNEY CHALHOUB, MARGARIDA DE SOUZA NEVES e LEONARDO AFFONSO DE MIRANDA PEREIRA (orgs.). *História em cousas miúdas. Capítulos de história social da crônica no Brasil*.
- 22 – SILVIA HUNOLD LARA e JOSELI MARIA NUNES MENDONÇA (orgs.). *Direitos e justiças no Brasil. Ensaio de história social*.
- 23 – WALTER FRAGA FILHO. *Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia 1870-1910*.
- 24 – JOSELI MARIA NUNES MENDONÇA. *Evaristo de Moraes, tribuno da República*.

25 – VALÉRIA LIMA. *J.-B. Debret, historiador e pintor: a viagem pitoresca e histórica ao Brasil (1816-1839)*.

26 – LARISSA VIANA. *O idioma da mestiçagem: as irmandades de pardos na América Portuguesa*.

Para meus pais e minha avó Rita

Complexidade, imprevisto e aleatório parecem, pois,
inerentes às misturas e mestiçagens.

SERGE GRUZINSKI

AGRADECIMENTOS

Este livro é uma versão modificada de minha tese de doutorado defendida em agosto de 2004 na Universidade Federal Fluminense. Esta pesquisa começou a tomar forma no final de 2000, quando, modificando bastante meu projeto inicial de tese, que tratava da religiosidade africana na diáspora, passei a estudar as irmandades de pardos do Rio de Janeiro colonial. Ainda na fase de levantamentos iniciais, recebi incentivos e indicações bibliográficas valiosas de Mariza Soares, que também me encaminhou ao Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro. Lá tive a sorte de conhecer Eduardo Cavalcante, que, com competência e disposição, me auxiliou na coleta e no processamento dos dados manuscritos da pesquisa. Através do Eduardo, tive também acesso a dados inéditos da pesquisa de Sheila Faria, que muito auxiliaram minha reflexão. Cláudia Rodrigues e Roberto Guedes também me cederam, gentilmente, documentos originais de suas próprias pesquisas.

Numa breve passagem por Lisboa, em 2001, contei com o auxílio e a acolhida de Marcelo e Berthilde Moura, que me guiaram pelos arquivos e pelas belezas dessa maravilhosa cidade. Berthilde cuidou ainda do envio de alguns documentos que não consegui trazer comigo, assunto no qual contei também com o profissionalismo dos funcionários do Arquivo Ultramarino e da Torre do Tombo.

Colegas e amigos também participaram de muitas fases desta pesquisa, contribuindo sempre. Com Alessandra Schueller, Luciana Gandelman, Dilma Nascimento, Marcelo Magalhães e Rebeca Gontijo tenho o prazer de dividir muitos interesses comuns, desde a graduação. Maria Ângela Grillo, Flávia Pedreira e Jupiracy Arrossato foram companheiras ao longo do curso de doutorado. A Jucléi Silva sou muito grata pelo carinho de sempre. A todos os

queridos membros do Núcleo de Pesquisas e Estudos em História Cultural (NUPEHC) agradeço pelo estímulo intelectual e pela troca de experiências que caracterizam esse importante grupo de pesquisa. Andréa Marzano e Keila Grinberg brindaram-me com a oportunidade de lecionar na Universidade Candido Mendes, onde venho contando com o estímulo de colegas e alunos. Priscilla Leal, querida amiga, Regina Luna, Leila Christino e minha animada turma da ioga incentivaram sempre, tornando mais leve a fase de redação do trabalho.

No exame de qualificação, beneficei-me muito das críticas e sugestões de Hebe Mattos e Ronaldo Vainfas, que me ajudaram a (re)estabelecer os contornos temporais e temáticos da pesquisa. A Ronaldo devo um agradecimento muito especial por ter aceitado co-orientar o trabalho, incentivando a decisão de “enfrentar” o tema da mestiçagem. Ambos estiveram presentes também por ocasião da defesa da tese, ao lado de Silvia Lara e Anderson de Oliveira, contribuindo imensamente com preciosas sugestões que tentei incorporar à revisão da tese. Agradeço especialmente a Silvia Lara pela acolhida do trabalho para publicação no Centro de Pesquisa em História Social da Cultura (CECULT), onde contei com o parecer de Mathias Röhrig e Beatriz Mamigonian, que apontaram ótimos caminhos para a transformação da tese em livro. É grande a satisfação de ver este trabalho publicado na Coleção Várias Histórias. A todos que tornaram possível esta chance, muito obrigada.

Martha Abreu, orientadora sempre generosa e estimulante, acolheu as mudanças por que passou este projeto, apoiando-me muito e confiando sempre. Com ela, alegremente divido os eventuais méritos deste trabalho, já aguardando futuras parcerias.

A meus pais, Maria Helena e Amaro, e a minha família, agradeço pelo carinho, pelo apoio e pelos incentivos e renovo o compromisso de dar conta das dívidas acumuladas “para depois da tese”.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), enfim, agradeço pelo fundamental financiamento desta pesquisa.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	17
INTRODUÇÃO	21
1 – O ESTIGMA DA "IMPUREZA" PODER E MESTIÇAGEM	47
2 – A CONSTRUÇÃO DA DIFERENÇA DEVOÇÃO E MESTIÇAGEM	97
3 – IDENTIDADES E CONFLITOS COMPROMISSOS	141
4 – IRMÃOS E DEVOTOS PERFIS	179
CONSIDERAÇÕES FINAIS	223
FONTES E BIBLIOGRAFIA	229

APRESENTAÇÃO

Neste limiar do século XXI, um dos assuntos mais discutidos na sociedade brasileira é exatamente a questão racial. Intelectuais, políticos de vários matizes, ativistas e lideranças de diversos movimentos discutem se vale ou não vale adotar no Brasil algum tipo de sistema de cotas, tal como foi instituído nos EUA, sobretudo a partir dos anos 1960-70. Os defensores das cotas apontam o legado da escravidão e as barreiras que o racismo contra os negros, dela derivadas, impõem à inclusão social dos chamados afro-descendentes. As políticas já em vigor, embora priorizem os afro-descendentes, não deixam de lado os descendentes dos índios, também contemplados, por exemplo, nos vestibulares de algumas universidades. Numa incrível simplificação do perfil racial da sociedade brasileira, essa perspectiva concebe o Brasil como composto, basicamente, por descendentes de brancos, africanos e índios.

É quase uma reedição, ainda que com nova linguagem, novas teorias e novos problemas, do que pensava Karl von Martius, nos anos 1840, quando escreveu que a chave para compreender a história do Brasil residia no estudo das relações entre essas três raças. O problema da mestiçagem estava aí sugerido, embora fosse preciso esperar quase cem anos para ser devidamente enfrentado por Gilberto Freyre, em *Casa-grande & senzala* (1933), numa perspectiva a um só tempo racial e cultural.

De todo modo, nossos intelectuais e políticos do século XIX discutiram intensamente a questão racial para tentar combater a mestiçagem e branquear o país. Inspiravam-se não apenas em nosso passado escravista (que no XIX era presente), mas nos modelos racialistas então em voga na Europa, dos quais o Conde de Gobineau deu exemplo, com seu livro *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas*, publicado na década de 1850.

Na segunda metade do século XX, a questão explodiu, com a sociologia histórica da USP, Florestan Fernandes à frente, denunciando o preconceito racial contra os negros brasileiros, explicando-o pelo legado da escravidão e pela imperfeita socialização dos hoje chamados afro-descendentes na sociedade de classes. Os historiadores das últimas décadas do século passado, que durante muitíssimo tempo desconhecera a história da África, passaram a valorizar o estudo das “culturas étnicas”, inclusive em relação à história indígena, resultado, em boa medida, da aproximação com a antropologia.

Mas, para resumir o argumento, o fato é que o tema da mestiçagem racial e cultural, sobretudo a racial, com suas devidas representações, permaneceu quase sempre eclipsado. Os racialistas do século XIX tratavam dela para tentar extingui-la; os intelectuais do século XX procuraram evitá-la, como tema; o mesmo fazem os “racialistas” deste início de milênio.

O livro de Larissa Viana, *O idioma da mestiçagem*, possui, assim, antes de tudo, o mérito de enfrentar esse tema fascinante, tão caro à nossa história, enfrentando um espantoso silêncio que vem de longe.

Larissa parte das discussões sobre a mestiçagem nos séculos XIX e XX, como se poderá ler na introdução desta obra que, com rara erudição, traz excelente balanço da bibliografia nacional e estrangeira relacionada à temática em causa. Mas seu foco é o período colonial, particularmente entre meados do século XVII e fins do século XVIII. E o problema central, tremendamente desafiador, é a construção de uma *identidade parda* no Brasil dessa época, a partir da documentação produzida pelas irmandades de pardos erigidas em várias regiões coloniais.

Larissa seguiu, nesse ponto, uma pista aberta pelo grande historiador João Reis, que, em certo artigo sobre a história das irmandades, escreveu: os pardos “eram vistos como inimigos dos pretos e cultores de uma identidade parda própria”. A autora nos transporta, então, a um mundo completamente distinto, onde o problema racial era pensado, em grande medida, a partir de referências religiosas, daí os “estatutos de limpeza de sangue”

que vigiam em diversas instituições portuguesas, desde a própria Coroa, com suas ordens militares, até as corporações de ofício, ordens religiosas, passando pela Inquisição, obviamente, bem como pelas confrarias e irmandades. Não se tratava, então, de um racismo biologizante, como veio a ser o do século XIX e inícios do XX, senão um racismo referenciado às ancestralidades, no qual se mesclavam noções étnicas e religiosas.

Já os “estatutos de pureza” condenavam, a seu modo, a mestiçagem, de sorte que é uma grande novidade o estudo de Larissa, ao debruçar-se sobre o segmento específico dos *pardos*, naturalmente mestiços, mas nem por isso desligados dos ideais de pureza então dominantes. O leitor haverá de encontrar no livro inúmeras evidências do que tenho dito, inclusive numa determinada reivindicação de certa irmandade seiscentista, na qual os pleiteantes se autodesignavam *pardos puros*. Um sinal inequívoco do enraizamento do “ideal de pureza” mesmo no seio de confrarias de mestiços.

Larissa nos convence de que certo segmento de pardos, de certo mais bem postados socialmente, organizou-se em confrarias, cultivou suas devoções e construiu uma notável rede de sociabilidades. O mais importante, talvez, resida no esforço desse grupo, malgrado diferenças regionais de algum peso, em construir uma identidade que, além de religiosa (os santos patronos), valorizava o nascimento no Brasil, em contraponto com a África (da qual os pardos queriam distância), a condição de livre (ou de liberto) e a própria mestiçagem.

Identidade parda ou identidade mulata? Eis um dado complicador, bastando lembrar o *Vocabulário Português e Latino*, de Raphael Bluteau, composto entre 1712 e 1727, no qual a palavra *pardo* designava a “cor entre branco e preto, própria do pardal”.

Pela cor, pardo e mulato davam quase no mesmo. Mas não para os pardos organizados em confrarias em Olinda ou Salvador, que também deles, mulatos, queriam distância. Na verdade, esses *pardos* queriam se distanciar nem tanto dos mulatos, que também eles, pardos, o eram, mas do estigma que pesava sobre a “mulatice”. Basta percorrer a literatura colonial, Antonil, Gregório de Matos e outros tantos, para constatar a imagem de soberba, insubmissão

e arrogância atribuída aos mulatos. No limite, atribuía-se aos mulatos uma imagem de rebeldia, e nossos pardos, a bem da verdade, eram amigos da ordem.

Essa coleção de atributos colados nos mulatos – dos quais os *pardos* desejavam se livrar – era decerto uma obra de brancos. Dos agentes brancos da colonização, homens que, de vários modos, sofriam a competição dos mulatos ou pardos. Competição muitas vezes econômica, outras vezes política, não raro disputa por mulheres. Os mesmos que diziam e escreviam que os mulatos eram soberbos ou arrogantes costumavam se derramar em elogios com as mulatas, louvando-as por sua beleza e sensualidade. Basta ler alguns versinhos de Gregório de Matos, o Boca do Inferno da Bahia: “córdula da minha vida, mulatinha de minh’alma...”. Isso para citar um verso bem comportado... A visão branca sobre a mulatice incluía, pois, uma importante dimensão de gênero. Até hoje inclui.

De modo que pardos e mulatos eram muito diferentes na linguagem da mestiçagem que Larissa nos desvenda em seu livro, assim como pardos e pretos eram quase antônimos, com perdão pelo exagero.

O idioma da mestiçagem é, portanto, um livro que oferece grande contribuição à nossa historiografia. Contribui pelo tema, pela documentação original, pela erudição historiográfica, pela densidade teórica e, *last but not least*, pela elegância com que nossa autora trata do assunto. Quanto à atualidade de um estudo como este, escusado dizer que ensina muito sobre um tema que as discussões racialistas de nosso tempo insistem em desconsiderar ou minimizar. Que as lições contidas neste livro iluminem os espíritos são os meus votos.

Ronaldo Vainfas

Rio de Janeiro, outubro de 2006.